

ESCRITA E LEITURA: CITAÇÃO E AUTOBIOGRAFIA EM
MURILO MENDES E MACHADO DE ASSIS¹

BLUMA WADDINGTON VILAR

Este trabalho divide-se em duas partes. Começa por estudar as relações entre escrita e leitura, entre produção e recepção de textos literários, recorrendo ao exame dos conceitos de *influência*, *intertextualidade* e *citação*, para em seguida tentar compreender a presença ostensiva da citação em duas obras, duas autobiografias, uma “autêntica”, outra ficcional ou, mais precisamente, uma autobiografia em prosa poética e uma ficção de autobiografia² - *A idade do serrote* (1968), de Murilo Mendes, e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis.

Na primeira seção, portanto, discutem-se aqueles conceitos, com ênfase no procedimento discursivo da citação - considerado a forma mais explícita de intertextualidade, embora mantenha um forte vínculo com a figura do autor, excluída na formulação inicial do conceito por Julia Kristeva em *Séméiotikè: recherches pour une sémanalyse* (1969). Nessa primeira parte, tanto textos teóricos e ensaios quanto textos ficcionais servem de base à reflexão. Entre eles, destacam-se como referências principais “Pierre Menard, autor del *Quijote*” (1941), “Los teólogos” (1949), “Kafka y sus precursores” (1951) e “Homenaje a César Paladión” (1967), de Jorge Luis Borges; *The Anxiety of Influence* (1973), de Harold Bloom; *La Seconde main ou le travail de la citation* (1979), de Antoine Compagnon; *Changing Voices: The Modern Quoting Poem* (1993), de Leonard Diepeveen.

¹ Tese de Doutorado em Literatura Comparada defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ em dezembro de 2001 sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rouanet e co-orientação do Prof. Dr. Roberto Acízelo Quelhas de Sousa. Projeto agraciado com a bolsa da Academia Brasileira de Letras para teses de doutorado centradas em obras de acadêmicos e, posteriormente, com uma das bolsas do Programa de Bolsas para Escritores Brasileiros com Obras em Fase de Conclusão (categoria “ensaio literário”), da Fundação Biblioteca Nacional.

² “Ficção de autobiografia”, assim Abel Baptista se refere a *Dom Casmurro* e a *Memórias póstumas* no seu livro *Autobiografias - Solicitação do livro na ficção e na ficção de Machado de Assis* (Lisboa: Relógio d’Água Editores, 1998, p. 122).

Nos três capítulos que compõem a primeira parte, os conceitos de influência e citação foram privilegiados. Discutir as primeiras formulações do conceito de intertextualidade e suas definições posteriores (muitas vezes contraditórias entre si) pareceu pouco produtivo para a análise dos dois textos tomados como estudos de caso. Mas, tanto no segundo capítulo quanto no terceiro, dedicados aos temas da influência e da citação respectivamente, esse conceito também é objeto de consideração.

Já discutir o conceito de influência literária, habitualmente associado ao de autor, permitiu focalizar as dificuldades intrínsecas a uma concepção tradicional (e ainda vigente para o público não especializado) de como leitura e produção de textos se articulam. Nessa concepção, tende-se a perder de vista a interação entre ambas, ficando encobertas certas afinidades e imbricações, de um lado, e certas interferências ou projeções, de outro. Nesse último sentido, creditam-se à produção características e efeitos da recepção por parte dos leitores comuns e sobretudo por parte de críticos e especialistas. Segundo Michel Foucault, a idéia de autor, por exemplo, além de cumprir a função de fonte explicativa da obra, também equivale a uma operação unificadora realizada pela recepção, que se empenha em reduzir as diferenças a certa unidade, ainda que só possa recorrer, nessa tarefa, a argumentos como evolução, maturação ou influência³. Tal redução das diferenças a uma unidade apóia-se, em última instância, no indivíduo real (ou representado como real) a quem são atribuídos os textos. A condição de leitores dos próprios escritores fica assim minimizada, uma vez que predomina essa figura do autor identificado a um indivíduo real e cuja relação com a obra se basearia principalmente na subjetividade individual, entendida como fonte de uma criação original.

Aliás, a autobiografia ou pelo menos o gênero moderno de narrativa assim denominado só parece viável num contexto de valorização da individualidade. Mas se o termo é moderno⁴, há divergências quanto à extensão do conceito que ele designaria. Para Georg Misch, cuja história da autobiografia se alonga por oito volumes (*Geschichte der*

³ Ver Foucault, Michel. “Qu’est-ce qu’un auteur?”, in *Dits et Écrits*, Paris: Gallimard, 1994, vol. I, p. 802. Essa questão é discutida no segundo capítulo da tese.

⁴ Para uma história do uso do termo *autobiografia* em publicações, ver “The Institution of Autobiography”, ensaio introdutório de Robert Folkenflik à coletânea por ele organizada - *The Culture of Autobiography. Constructions of Self-Representation* (Stanford, California: Stanford University Press, 1993, pp. 1-20).

Autobiographie, 1949-69), o universo dos textos autobiográficos recuará até a Antiguidade. Philippe Lejeune atribui o volumoso esforço de Misch a uma “ilusão de perspectiva”: a “ilusão da eternidade” derivada de um enfoque anacrônico que redistribui os elementos do passado segundo os critérios do presente. “O anacronismo”, precisa Lejeune, “consiste aqui em tomar um traço hoje pertinente no nosso sistema de definição dos gêneros (discurso na primeira pessoa associado a uma forma qualquer de engajamento pessoal), e acreditar que esse traço sempre teve o mesmo tipo de pertinência”⁵. Isso seria confundir forma e função, acrescenta ele, com base em Tynianov. Paul Zumthor, recorda Lejeune, buscou deixar clara a inexistência, durante a Idade Média, das condições da autobiografia moderna, pois estariam ausentes “a noção de autor” e o “uso literário auto-referencial da primeira pessoa”⁶.

Na segunda e última parte, estudam-se dois casos de uso de citações em texto literário - o da autobiografia de Murilo Mendes e o das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ficção de autobiografia, pois simula obedecer a parte das convenções do gênero como, por exemplo, a identidade entre autor, narrador e protagonista, postulada por Lejeune no “pacto” que, para ele, define o gênero. Em ambas as obras, é pródiga e notável a utilização de citações. No caso de *A idade do serrote*, texto crivado delas, cabia indagar como essa interferência tão freqüente de outras vozes, de textos alheios, na forma de fragmentos citacionais, relacionava-se ao caráter autobiográfico do livro. Noutras palavras, se autobiografia e citação estivessem de fato relacionadas nesse texto, cabia encontrar a especificidade dessa relação. No caso de *Memórias póstumas*, o tratamento que Machado de Assis - contumaz “deturpador de citações”, segundo Raimundo Magalhães Júnior⁷ - dá à modalidade literal de “repetição do já dito” (Compagnon) parecia ilustrar o princípio

⁵ Lejeune, P. “Autobiographie et histoire littéraire”, in *Le Pacte autobiographique*, Paris: Seuil, 1975, p. 314.

⁶ Ver, de Zumthor, *Essai de poétique médiévale*, Paris: Seuil, 1972, pp. 68-9 e 172-4, e “Autobiographie au Moyen Age?”, in *Langue, texte, énigme*, Paris: Seuil, 1975, pp. 165-80.

⁷ Ver Magalhães Jr., Raimundo. “O deturpador de citações”, in *Machado de Assis desconhecido*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1955, pp. 225-235). A prática irreverente de adular ou “retificar” citações como melhor convém ao seu próprio texto é uma das características que filia Machado à tradição da sátira menipéia, segundo esclareceu Enylton de Sá Rego no indispensável *O Calundu e a panacéia: Machado de Assis, a sátira menipéia e a tradição luciânica* (1989).

formal de composição desse romance, a que chamei de *princípio da errata*⁸ e que conduz a retificações sucessivas e ressalvas constantes por parte do narrador. As mudanças “retificadoras” nas citações não apenas podiam ser consideradas uma das manifestações desse princípio estruturador mais geral, mas também ofereciam uma via de acesso privilegiada à poética da releitura característica do autor, poética cujo funcionamento patenteiam. Assim, mediante a análise do uso peculiar da citação nas “memórias” de Brás Cubas, procurei evidenciar como esse texto constitui um dos mais interessantes exemplos da poética machadiana de releitura da tradição e do próprio gênero autobiográfico. Machado faz uma ficção de autobiografia, por isso Brás pode transgredir parodicamente a impossibilidade inerente a todo autobiógrafo: contar a própria morte. Já a experiência do outro limite temporal da vida - o nascimento - é indiretamente acessível ao protagonista, conforme indica o capítulo 10, intitulado “Naquele dia”, uma referência ao dia em que nasceu Brás. Ao descrever as circunstâncias de seu nascimento, a reação da família e os prognósticos dos parentes a seu respeito, esclarece: “Digo essas coisas por alto, segundo as ouvi narrar anos depois; ignoro a mor parte dos pormenores daquele famoso dia”. E nesse relato indireto, as memórias de Brás não diferem do comum das autobiografias e vão um pouco além de *A idade do serrote*, cujo autor se mostra mais radical e econômico nesse ponto: “Não me vi nascer, não me recordo de nada do que se passou naquele tempo”, frisa Murilo no primeiro texto do livro - “Origem, memória, contato, iniciação”.

Cabe aqui um esclarecimento sobre a escolha desses dois textos para estudos de caso. Ambos são textos literários que recorrem quase compulsivamente a citações e cujos autores ali estampavam sua condição de leitores, posta em primeiríssimo plano. Ao examinar tais características, identifiquei, tanto num quanto noutro caso, uma ligação entre o

⁸ Denominação sugerida pelo próprio romance, no final do capítulo 27, e pelo título do ensaio de Flora Süssekind, “Brás Cubas e a literatura como errata”, in *Tempo brasileiro*, n° 81, abril-junho de 1985, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 13 a 21. A homologia entre o plano formal e o plano temático também é assinalada na tese. Embora em chaves de leitura diversas da que proponho, uma correspondência entre forma e conteúdo já foi apontada por vários críticos, entre os quais Roberto Schwarz, em *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis* (1990), livro no qual desenvolve a hipótese sobre o princípio estruturador da narração e determinante do estilo das *Memórias póstumas* - o princípio da *volubilidade*, cujos pontos de contato com o princípio da errata aqui referido são óbvios.

modo de citar e a organização dos dois textos. Percebi portanto nas citações uma instância valiosa para compreender como se estruturam e, com base nessa compreensão, interpretá-los, propondo uma hipótese de leitura para cada um deles individualmente. Quaisquer outros textos que exibissem perfil semelhante poderiam ser estudados como realizações particulares de um tipo de poética que explicita a indissociabilidade e a tensão entre escrita e leitura. Porém, *A Idade do serrote* e *Memórias póstumas* revelaram-se textos não apenas propícios, mas sobretudo instigantes nesse sentido. Em ambos, observa-se o elo fundamental entre vida e leitura, entre experiência do mundo, da realidade extratextual e experiência do texto e do livro.